

# SAUSP.DOC

SETEMBRO/OUTUBRO DE 2019.

## A QUEM INTERESSA O RUÍDO?

Eliane Miraglia<sup>1</sup>

**“A besta em nós não está em nosso passado, mas em nosso futuro”.**

Luis Felipe Pondé<sup>2</sup>

(Texto suscitado a partir de uma Palestra no AG, ocorrida em junho de 2019).

Para escrever este artigo, precisei resgatar da memória a sensação de insegurança de submeter à banca de avaliação o tema de minha dissertação de mestrado: uma leitura crítica do uso dos dados quantitativos pela mídia impressa. O ano era 2002, e eu estava enfrentando um triunvirato exigente: minha orientadora, Cristina Costa (ECA/USP), Octávio Ianni (ECA/USP) e José Márcio Rego (FGV-SP). “- Então a senhora resolveu puxar o diabo pelo rabo?”, foi a primeira pergunta que Octávio Ianni me fez naquela tarde de sol. Simulei uma coragem tímida para dar o tom à resposta lacônica: “- Sim, professor!”. Para surpresa de todos, ele concluiu: “- Gostei!”.

Naquele momento, havia certa ousadia na proposta de discutir número dentro do território da palavra. Mas eu achava que o projeto era necessário, porque percebia que nem sempre o leitor tinha consciência sobre como a compreensão dos dados era determinante para a compreensão da mensagem. Às vezes, o próprio jornalista ou profissional da palavra, como a minha pesquisa qualitativa revelou, não tinha total domínio de cálculos, mas entendia os números como argumento estratégico para atribuir mais imparcialidade e credibilidade à mensagem.

Lamento não ter provas materiais desta memória que inclui Cristina Costa gesticulando agoniada, olhos crispados e me pontuando sem voz:

“Tinha de ter gravado isso!”. Sei que esse testemunho tem caráter emocional, mas o tema avaliado e aprovado por aquela banca provocou algum barulho acadêmico na época: matéria no *Jornal da USP*<sup>3</sup>, artigo no informativo “Qualidade de Vida”, do Centro de Estudos em Economia Aplicada do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ<sup>4</sup>, e uma palestra - “Afogando em números: medidas para uma sociedade desmedida” - na 7ª Semana de Arte e Cultura USP de São Carlos, a convite do professor Ton Marar, do Instituto de Ciências Matemáticas e Computação.

Os 17 anos seguintes à titulação foram dedicados à minha carreira profissional no ambiente corporativo. Neste período os dados quantitativos conquistaram irreversivelmente territórios inimagináveis na vida e na experiência humana. O diabo e seu rabo cresceram! Hoje, as decisões baseadas em dados estão naturalizadas como melhores práticas por, teoricamente, reduzirem riscos, serem mais precisas, fáceis de monitorar, rápidas e eficientes. As funções de produção e compartilhamento de informação e contrainformação ganharam exponencialidade e, por enquanto, ainda são divididas por humanos e robôs, com vantagem extraordinária e inquestionável para os segundos.

<sup>1</sup> Eliane Miraglia: Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP), especialista em Gestão de Processos de Comunicação (USP). Empreendedora na área de Comunicação e Educação Corporativas.

<sup>2</sup> PONDÉ, Luiz Felipe. **Contra um mundo melhor**: ensaios do afeto. São Paulo: Contexto, 2018.

<sup>3</sup> LEÃO, Izabel. Alienação através dos números: estudo mostra que os índices quantitativos envernizam a linguagem do jornal diário, dificultando o entendimento da informação. Entrevistado: Eliane Miraglia. *Jornal da USP*, São Paulo, ano 15, n. 602, p. 7, 24-30 jun. 2002.

<sup>4</sup> MIRAGLIA, Eliane. Ninguém mais é inocente. **Qualidade de Vida** (Universidade de São Paulo. ESALQ. CEPEA/FEALQ), Piracicaba, v. 4, n. 39, ago. 2002.

Os preceitos e teorias que fundamentavam o conhecimento sobre Comunicação passam hoje, no mínimo, por uma fragmentação desestruturante. Mensagens atordoam e transformam corações e mentes. O diabo é caótico! No final das contas, não se trata de demonizar números e tecnologia, mas reconhecer que sem os fundamentos – sintáticos, semânticos, gramaticais, éticos, lógicos –, o pensamento perde recursos de expressão e interação. Acompanho esse movimento como esquizofrênica – integrada e apocalíptica<sup>5</sup> – insistindo na resiliência, consciente e desesperada com a própria irrelevância<sup>6</sup>, buscando sentido e tribo, porque aprendi e sei que os limites da minha linguagem<sup>7</sup> são os limites do meu mundo.

Uma dessas buscas me levou à Palestra no AG, **“Arquivos e bibliotecas: a quem interessa o silêncio?”**, ministrada pela Dra. Bárbara Júlia Menezello Leitão<sup>8</sup>, que apresentou uma reflexão sobre diferentes manifestações de censura ao pensamento presentes nas rotinas das bibliotecas durante os regimes totalitários do século 20. O método muda nas formas de concessão de acesso à materialidade ou expressão: queima de acervos, intimidação de profissionais, interdição de editoras e jornais, corte de orçamento, expurgo. Variações implícitas e explícitas do mesmo ato: a censura. Em contrapartida, movimentos de resistência ao silenciamento do pensamento também surgiram e se revelaram corajosos, criativos, contemplando desde ações individuais necessariamente silenciosas – como esconder livros em estantes ou paredes – a ações coletivas, como políticas públicas em defesa da liberdade de expressão.

A reflexão despertou em mim a dúvida: de uma perspectiva própria, não teria o ruído – entendido como excesso de informação – senão o mesmo o objetivo, o mesmo resultado que o silêncio? Impedir a interpretação objetiva da realidade? Influenciar, confundir, atordoar, exaurir, silenciar corações e mentes?

**“Agora nos afogamos em palavras que não dominamos”:**  
Luiz Felipe Pondé

A quem realmente interessa esse ruído? O reduto privilegiado de produção de conhecimento independente era a escola, a universidade. A fundamentação clássica do conhecimento acadêmico, grosseiramente interpretada e acusada de hermetismo e elitismo, esgarçou-se diante das “melhores práticas” nem sempre lícitas, éticas, inofensivas ou sustentáveis, porém quase sempre funcionais, rentáveis, reprodutíveis. “Melhores práticas” viciantes que, ironicamente, inibem e sacrificam a criatividade, a polifonia e a polissemia.

Na década de 1990 a mídia protagonizou o movimento de popularizar o acesso a normas, convenções e estilo para a produção de conteúdo. Os manuais de redação da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, por exemplo, tornaram-se objeto de interesse tanto da sociedade quanto da crítica acadêmica. Jornais e programas de televisão abriam espaços para professores como Antônio Cândido e Pasquale Cipro Neto, que insistiam na relação entre forma e conteúdo para a qualidade da expressão. Do exterior chegavam algumas tendências relevantes, como a angústia da influência – identificada e conceituada por Harold Bloom<sup>9</sup> nos processos criativos de William Shakespeare, Friedrich Nietzsche, Johann Wolfgang von Goethe, Fernando Pessoa e outros autores envolvidos em um embate pessoal pela autenticidade de seus pensamentos e obras. Eram tempos utópicos!

De lá para cá, semelhante às fogueiras, as lixeiras e teclas *delete* dos computadores se mostraram ferramentas muito eficientes para fazerem sumir evidências de um protocolo de construção do pensamento, expressão e relacionamento porque, em essência, Comunicação é relacional. Atributos como sentido, profundidade, pertinência, originalidade, coerência do texto tornaram-se supérfluos em relação a exigências como alcance e engajamento potenciais e reais de uma mensagem. A mensagem passou a ser uma escolha (ou falta de escolha) orientada por *trend topics*, *hashtags*, algoritmos.

<sup>5</sup> ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

<sup>6</sup> HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

<sup>7</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: EDUSP, 2010.

<sup>8</sup> Chefe Técnica do Arquivo Geral da USP. Palestra realizada em 18 de junho de 2019 pelo AG, com apoio da Associação de Arquivistas de São Paulo.

<sup>9</sup> BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. 2. Ed. Rio de Janeiro, Imago, 2002.

Infelizmente, nós estamos sendo **silenciados pela tecnologia**. Existe uma confusão entre **conectividade e diálogo**. Vivemos na era da conexão, e não do diálogo. Estar conectado é acessar uma infinidade de pessoas e informações. O ambiente tecnológico faz com que estejamos sempre nos ‘comunicando’. Receber trinta mensagens pode até transmitir uma sensação de pertencimento devido à quantidade de interações ocorridas com tão pouco esforço. A comunicação, dessa forma, não precisa ter sentido nem transmitir informações. Basta estabelecer uma conexão. É um erro. **Estamos claramente misturando quantidade com qualidade**<sup>10</sup>.

A mensagem passou a ser orientada por tempo de produção que não atinge apenas a mídia e as redes sociais. A obsolescência do pensamento humano não é *fake*, mas fato. O diabo se vinga! O neurocientista Steven Rehen (UFRJ)<sup>11</sup> constata que a massa de dados utilizada para sua pesquisa de doutorado consumiu seis meses de trabalho analítico, na virada do século. Hoje, máquinas realizam esse trabalho em um dia. Mais do que ler, supercomputadores como o Watson da IBM também sintetizam e concluem sobre o significado de um volume absurdo de informações. Eles transformam bem simbólico, o conhecimento, em bens descartáveis de consumo, os dados. São tempos distópicos com riscos existenciais reais!

Esse processo acelerado de produção da informação favorece a reprodutibilidade de formato em escala, pressupõe um consumo replicante da mensagem e, claro, dispensa a crítica do processo. Vendemos a liberdade para nós mesmos. Escravos do próprio ego, alimentamos a ilusão de que “conexão orgânica ou impulsionada” (*likes*, seguidores/*lovers*, comentários) é comunicação, desconsiderando que Comunicação é um processo que pressupõe troca de sentido e alternância de papéis, num processo ganha-ganha, que redimensiona a riqueza do pensamento e sua expressão.

A quem, então, interessa o barulho, uma vez que a Comunicação está destituída de seus atributos mais estruturantes? A quem, então, interessa o barulho, quando a Comunicação se restringe a resultados quantitativos e hábitos de consumo?

**“A delicadeza, a sofisticação da alma, o amor ao detalhe e a vontade de entender não são atributos das multidões, e aqui reside grande parte da miséria moderna, ser um mundo de grandes números, dedicado a muitos idiotas.”**

Luiz Felipe Pondé.

O historiador israelense Yurval Noah Harari<sup>12</sup> reflete sobre a condição peculiar do ser humano que atinge um limite na gestão da informação e do conhecimento, comprometendo a própria relevância diante dos algoritmos e da inteligência artificial. Não sem motivo, o atual destaque conquistado pelo processo de tomada de decisão, que exige competência do ser humano para interpretar com coerência fatos e dados. Ainda que em estado virtual, a liderança artificial é mais potente que a liderança natural. Não é só o mercado de trabalho que será transformado por soluções mais rápidas, baratas, padronizadas, que curiosamente imitam características humanas em desuso: precisão, método, qualidade, economia, silêncio. A tecnologia é solução imediata para o capital, mas ainda não tem resposta efetiva e em escala para os dramas humanos, historicamente marcados pela exclusão, marginalidade, desamparo, indiferença, descaso. Ruído não é conhecimento. Barulho não é cidadania. E o ser humano não é vítima!

Interessado na relação entre redes sociais e cultura de participação, Clay Shirky<sup>13</sup> consegue enxergar o horizonte que existe depois da tempestade. Para ele, a tecnologia é neutra, mas seu uso não.

<sup>10</sup> CUKIER, Heni Ozi. A cacofonia digital. **Revista Veja**, São Paulo, n. 2564, 10 jan. 2018. Grifos meus.

<sup>11</sup> CONVERSA com Bial. Programa exibido em 15 jul. 2019. Entrevistado: Nick Bolstrom, diretor do Instituto do Futuro da Humanidade, Oxford University. Bial comenta a entrevista com o neurocientista Steven Rehen (UFRJ) e com o sociólogo Glauco Arbix (USP).

<sup>12</sup> HARARI, Yurval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

<sup>13</sup> SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

<sup>14</sup> CEKIC, Özlem. **Por que tomamos café com pessoas que me mandam mensagens de ódio?** Tradução Maurício Kakuei Tanaka. Comunicação realizada no evento “We the future” em parceria com a Skoll Foundation e a United Nations Foundation. Vídeo (15 min.). Disponível em: <https://bit.ly/2JRpNrc>. Acesso em: 06 jul. 2019.

Shirky acredita em autorregulação e no desafio de atribuir **valor social** à tecnologia. Os exemplos são raros, pontuais, mas existem. A parlamentar dinamarquesa Özlem Cekic<sup>14</sup> é um deles. Ela desenvolveu uma solução individual criativa e participativa para converter em relacionamento um problema de perseguição racista e demonização digital, quando passou a tomar café com seus *haters* para conversar, entender a razão e transformar a atitude de preconceito. Foi assim que, há nove anos, nasceu o #CaféDoDiálogo.

Minha busca até aqui é mais do que experiência nostálgica, comparação passado/presente. Trata-se de um ponto de partida para as fabulações sobre o futuro, um desafio mais do que heroico, que entendo como disputa de poder com o diabo. Um desafio humano, imperfeito, complexo, incoerente, incerto, talvez precário, singelo e humilde, mas que pode

resgatar a identidade, fortalecer o protagonismo, a espontaneidade e a originalidade da qualidade artesanal, não como estratégia delinquente de marketing, mas como reflexão, fruição, essência e transformação.

Soluções autorais como a de Özlem Cekic são elegantes como um ritual atávico com poder para sintetizar muita experiência e fazer evoluir o primata que há em todos nós. Estão longe da escalabilidade, não têm scripts nem compromisso com indicadores, não seguem fórmulas estatísticas nem métodos analíticos, não têm padrões. São surpreendentes e redimensionam a origem e função da Comunicação. Pela simplicidade relacional e restauração comportamental, são efetivas, preciosas e urgentes demais para o ser humano despossuído do próprio destino e futuro, criatura criadora do diabo e também de Deus.

#### Referências Bibliográficas:

- PONDÉ, Luiz Felipe. **Contra um mundo melhor**: ensaios do afeto. São Paulo: Contexto, 2018.
- LEÃO, Izabel. Alienação através dos números: estudo mostra que os índices quantitativos envernizam a linguagem do jornal diário, dificultando o entendimento da informação. Entrevistado: Eliane Miraglia. **Jornal da USP**, São Paulo, ano 15, n. 602, p. 7, 24-30 jun. 2002.
- MIRAGLIA, Eliane. Ninguém mais é inocente. **Qualidade de Vida** (Universidade de São Paulo. ESALQ. CEPEA/FEALQ), Piracicaba, v. 4, n. 39, ago. 2002.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: EDUSP, 2010.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência**: uma teoria da poesia. 2. Ed. Rio de Janeiro, Imago, 2002.
- CUKIER, Heni Ozi. A cacofonia digital. **Revista Veja**, São Paulo, n. 2564, 10 jan. 2018.
- CONVERSA com Bial. Programa exibido em 15 jul. 2019. Entrevistado: Nick Bolstrom, diretor do Instituto do Futuro da Humanidade, Oxford University. Bial comenta a entrevista com o neurocientista Steven Rehen (UFRJ) e com o sociólogo Glauco Arbix (USP).
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CEKIC, Özlem. **Por que tomo café com pessoas que me mandam mensagens de ódio?** Tradução Maurício Kakuei Tanaka. Comunicação realizada no evento "We the future" em parceria com a Skoll Foundation e a United Nations Foundation. Vídeo (15 min.). Disponível em: <https://bit.ly/2JRpNrc>. Acesso em: 06 jul. 2019.

#### Créditos:

**Texto:** Eliane Miraglia

**Diagramação:** Bruno L. Teodoro

#### Informe de eliminação e recolhimento de documentos

**A Lista de Eliminação de Documentos 01/2019 da FCF foi publicada no D.O.E de 5 de setembro de 2019. Foram eliminados 7,35 metros lineares de documentos.**

**No total foram eliminados 7,35 metros lineares de documentos nos meses de setembro e outubro de 2019.**